REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 709

10 DE SETEMBRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

NAS PRAIAS

CHRONICA OCCIDENTAL

O Imperador da Russia sonhou que devia ter o seculo futuro uma aurora ridente e esplendorosa, como de maio.

O governo de S. Petersburgo enviou ás potencias uma circular convidando-as para uma conferencia, cujos fins são o desarmamento e a paz geral.

Segundo esse documento importantissimo, foi com esse objectivo que os grandes estados concluiram poderosas allianças, e, para melhor assegurar a paz, que desenvolveram tão extraordinariamente suas forças militares, não recuando, para ainda as augmentar, ante sacrificio de especie alguma.

Si vis pacem, para bellum, já Cesar, salvo erro, o dizia.

Mas os encargos financeiros crescem proporcionalmente aos exercitos e vão ferir a prosperidade publica na sua origem. A paz armada é um fardo em demasia pesado. Prolongar-se tal situação é caminhar para um cataclismo horrivel.

Foi penetrado d'este sentimento, que o Tzar de todas as Russias ordenou que a todos os governos com representantes acreditados na côrte imperial se fizesse convite para a conferencia; que deve occupar-se do importantissimo problema.

O Tzar sonhou, dizem muitos. Entre os homens a guerra é fatal, que elles são maus bichos, jogam, em pequenos, as cristas por causa dos peões, e, mais tarde, gastam um conto e quinhentos em cada tiro por uns hectares de terreno.

Não parece que em França fosse bem recebida a circular do governo imperial russo, porque não é facil aos francezes perder assim a idéa d'uma desforra, emquanto a Alsacia e a Lorena forem provincias allemãs.

Alguns jornaes hespanhoes continuam tambem discursando sobre futuras guerras; mas — oh! espanto — não fallam em vingar-se dos yankees, nem na reconquista das Antilhas. Os generaes hespanhoes virão mostrar os seus profundos conhecimentos estrategicos nos campos de Portugal!

Claro está que tudo isso não passa de devaneios ultra-comicos de articulistas caturras.

Como, porém, é possivel que, á falta d'outros assumptos de maior monta, os jornalistas hespanhoes se divirtam a acariciar essa idéa nos leitores, bom é que o sonho grotesco não alargue sem protesto de portuguezes as innocentes azas.

Já ao jornalista hespanhol respondeu o *Seculo* em artigo brilhante, d'esses que honram o jornal que os publica. Conhecia-se n'elle a penna eloquente d'um patriota, que é, ao mesmo tempo, escriptor distinctissimo. A logica sem replica com que era escripto fundava seus argumentos em lições de historia, tão ignorada do collega hespanhol, como decerto lhe eram, ha poucos mezes, factos aliás muito modernos da propria historia patria e da republica americana. A ignorancia dos hespanhoes conduziu-os a um desastre que todos, nós como elles, lastimámos. Não seria tempo para uma emenda?

As glorias portuguezas são grandes, e, quando, frente a frente, nos batemos com hespanhoes, encontraram estes sempre adversarios dignos de se medirem com elles. E o soldado portuguez é sempre o mesmo. Ainda ha bem poucos mezes, soube proval-o n'essas campanhas de Africa, de que talvez algum boato glorioso chegou até ás redacções dos jornaes madrilenos.

Por muitas razões, agora mais, deveriam os hespanhoes attender ás sympathias de que os portuguezes lhes deram mais do que uma prova, quando, dia a dia, foram tendo noticia de desastres sobre desastres que iam affligindo a nação a que, ha muito, chamam sua irmã. Teem os hespanhoes tantas virtudes, que julgam talvez poder escusar a gratidão.

Devaneios! Chamemos assim ao fructo das horas d'ocio do bellico jornalista.

Pensemos nas nossas glorias e por isso não deixemos de dar as boas vindas ao glorioso Mousinho de Albuquerque, que, na passada terça-feira, chegou a Lisboa, onde era esperado por grande numero de collegas e amigos, que abraçaram affectuosamente o heroico official, ex-commissario regio da provincia de Moçambique.

Relembremos de quando em quando as nossas glorias e n'ellas descancemos os olhos cançados de verem tanta infamia pondo borrões negros na historia d'este fim de seculo.

O suicidio do coronel Henry trouxe novamente á discussão o processo de Dreyfus, o mysterioso condemnado da Ilha do Diabo. Parece que a revisão será finalmente concedida, estando agitadissima a opinião publica em toda a França. Uma gloria para Zola! Parece que a maioria do governo é favoravel á revisão e por isso pediu a demissão o ministro da guerra, Cavaignac.

Que quantidade de lama tudo isto vae revolver! Mas é preciso o sol, que da lama extrae perolas. A luz nunca é demais.

As ambições, que tanta vontade nos dão de rir, quando tratadas em comedias, são a causa principal d'essas tragedias horriveis que, todos os dias, os jornaes nos veem contando. A ambição do dinheiro, das commodidades, do luxo, das honras que se não merecem, são a causa principal d'essas luctas, em que o mais vicioso não teme descer até ao crime.

E adeus paz, adeus santa alegria! Como parece mesquinho o sonho de Horacio! Agora todos querem milhões!

Todos? Talvez não, que ainda ha muita gente alegre que com bem pouco se contenta e a gente portugueza ainda é d'essa felizmente.

Festas não lhe tem faltado, que o mez de agosto foi o mez das festas.

Cirios e toiradas! O Tejo cheio de velas, musicas e foguetes! Cirios, procissões, lôas, arraiaes na Outra Banda. A tradição ainda se conserva: vae a Senhora na berlinda, os anjos de capacetes adeante, o juiz, os festeiros a cavallo com seus trajes de gala. Seguem as carruagens em longa fila. As musicas tocam, estoiram as girandolas de foguetes. O sol faz trepar o vinho ás cabeças, mas o vinho tambem faz trepar o sol, e é uma alegria!

Toiradas tambem não faltaram, sendo as mais notaveis a dos niños, em Almada, e a de curiosos, á antiga portugueza, em Villa Franca.

A romaria mais notavel foi, porém, como sempre, a do Senhor da Serra, na famosa quinta de Bellas. Os comboios transportaram milhares de passageiros e as estradas eram cheias de toda a qualidade de vehiculos, onde os romeiros se apinhavam, carruagens, velhas diligencias, carroças enfeitadas com grandes ramos verdejantes.

Debaixo das copadas arvores, á sombra dos buxos, pelas escadarias da quinta, muitos grupos merendando. E, cá fóra, no largo, as barracas de comidas cheias até á porta, entre o barulho do apregoar da lista tentadora e o rufar d'um tambor n'uma barraca de titeres. E, dentro da quinta e cá fóra, alegria sempre, na terra como no céo, vinho nas cabeças, sol no azul!

E é por onde houve animação, porque a entrada de setembro nenhuma nos trouxe a Lisboa, que continua bocejando de tedio, já farta de tamanha sésta.

Dois theatros apenas abrem todas as noites as portas a centenas de heroes, que não recuam ante o calor d'um forno.

No theatro da Avenida terminou com a 75.ª representação a famosa revista de Guedes de Oliveira e Cyriaco de Cardoso e com o maior exito representou-se o celebre drama *Fanfan*, que foi causa do muito falado processo que a sr.ª D. Guiomar Torrezão moveu contra a empreza Taveira.

No theatro do Principe Real continua a representar-se com exito a revista *Nun xe xabe*.

Duas revistas em pleno verão são caso raro, duas revistas agradando, caso unico.

A noticia theatral de maior sensação é a das proximas representações da antiga companhia de D. Maria no theatro D. Amelia.

Rosas e Brazão explicaram em carta que dirigiram ao publico os motivos porque não tomarão parte no concurso, a que se refere o decreto de 8 de agosto, que reforma o theatro de D. Maria. Acompanham-os quasi todos os antigos actores, seus escripturados na passada epoca, e diz-se que foi por elles contractada a actriz Maria Pia, que tantas e magnificas disposições para a scena tem revelado.

Contra o mesmo decreto reclamaram muitos auctores dramaticos, que, para esse fim se reuniram na redacção da *Tarde*.

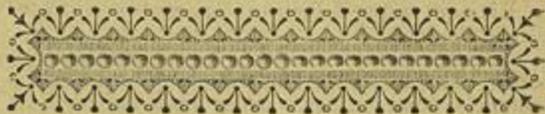
E' portanto mais do que provavel que não será posta em execução a reforma do sr. José Luciano de Castro. E' evidente a impossibilidade de organisar uma companhia digna de representar no primeiro theatro portuguez. D'isso é apenas culpado o governo que só muito tarde se decidiu a publicar o decreto. Além d'isso, muitos dos seus artigos só serviriam para afugentar os artistas. Se o governo se decidir portanto a pôr o theatro em hasta publica e quizer attender as reclamações dos auctores dramaticos, será o theatro apenas por um anno explorado pela companhia que se organisar. Feito com tempo para ser pensado, publicado a tempo para ser discutido pelos actores, o novo decreto, se for bem inspirado, poderá ser da maior utilidade para o futuro da arte dramatica em Portugal.

Noticias para o inverno futuro. Agora não ha mais que fallar em theatros.

As praias attrahem as attenções de todos, d'uns que são felizes, d'outros que para elles olham de esconso.

Com o ordenado a correr, não ha como estar n'uma praia e ser empregado publico!

E o verão prolonga-se, e o calor não passa, e Lisboa boceja.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

NAS PRAIAS

Mar azul, transparente, socegado, és como uma alma de mulher que um bafo tepido de amor ainda não veio embaciar.

Crianças brincam ao longe na areia molhada, que o sol vem doirando desde a aurora e enche de estrellas em pleno dia.

O vento é cheio de perfumes, que traz dos pinhaes longiquos e de sobre as plantas rasteiras, que se criam nas rochas á beira-mar.

Que canções são essas tuas, mar de prata, sobre as areias da praia, que parecem o sussurro d'um longo, continuado beijo? A canção é sempre a mesma e cada alma entretanto a escuta como quer. Sobre a tua canção as almas bordam as suas.

Em que sonha essa mulher sentada á beira-mar? Longe vôa seu pensamento.

Um homem veio sentar-se ao lado d'ella. Veio falar-lhe d'amores e comparou a paixão que lhe ia n'alma com as tuas ondas, ó mar tranquillo, que ámanhã, colerico, has de quebrar n'essas rochas.

Mas o pensamento d'ella vôa por muito longe. E quanto elle lhe diga não perturbará o espelho da sua alma, tanto como o risco d'uma aza de gaivota o espelho das tuas aguas.

Exposição e Concursos de Alfaia Agricola

O INSTITUTO DE AGRONOMIA E VETERINARIA

Na secção 2.ª do programma da exposição, grupos 1.º e 2.º, classes 15.ª, 16.ª, 17.ª, 18.ª e 19.ª; coube um logar preponderante á nossa escóla superior de agricultura, que alli se fez representar distinctamente.

Se bem que o Instituto seja uma escola superior de agronomia e não uma escola de agricultura, onde por consequencia se ensinam as sciencias agronomicas e não as praticas agricolas, e podendo por esse motivo deixar de comparecer n'esta exposição, a circumstancia comtudo de haver sempre concorrido a outras exposições tanto nacionaes como estrangeiras, impunha-lhe quasi o dever de não exceptuar esta da sua presença, tanto mais que no respectivo programma lhe estava reservado um logar.

Além d'isso, o Instituto que ha perto de meio seculo tem pugnado sempre pelos progressos agricolas do nosso paiz, contando nas suas tradições a de ter vulgarisado entre nós os primeiros instrumentos e apparelhos de lavoura aperfeiçoados, não podia deixar de vir festejar n'este momento o facto que a exposição nos demonstra, da larga acceitação que já hoje tem entre nós a moderna alfaia rural, facto que tanto tem contribuido e ha de contribuir ainda mais para o levantamento da nossa producção agricola, a que está ligada a nossa regeneração social.

Apresentando-se na exposição, o papel do Instituto não podia ser outro senão o de patentear os meios materiaes de ensino de que dispõe.

Para esse fim reuniu o que lhe pareceu mais apropriado e de menos difficil transporte, devendo notar-se que estando as aulas abertas e funccionando, só pôde ser destacada para a tapada da Ajuda a parte das suas collecções que no momento actual podia ser dispensada.

A sua exposição compunha-se de modelos de alfaia, de apparelhos e obras de hydraulica agricola e de construcções ruraes pertencentes ás collecções do museu do Instituto; apparelhos e outros objectos pertencentes ao laboratorio e of-

ficinas de technologia rural; instrumentos e outros objectos pertencentes ás collecções do gabinete de physica agricola; grupo de exemplares de doenças das plantas cultivadas, extrahido das collecções do laboratorio de microscopia e nosologia vegetal; collecção de mappas e tabellas apresentando os resultados de diversos ensaios e experiencias realisados no Instituto e differentes dados numericos de interesse agronomico ou agricola; collecção de algumas obras publicadas pelo corpo docente do Instituto; collecção de photographias representando algumas das dependencias do Instituto.

Eis-aqui o que o Instituto apresentou na exposição de 1898.

«O que porém o Instituto [1], como todas as escolas não póde apresentar n'uma exposição, é a sciencia communicada pelas suas lições. Este enorme cabedal de idéas, de intelligencia e de luzes, distribuido durante meio seculo, e que constitue o seu mais rico peculio, o melhor thesouro da sua producção, representa-se hoje em já bem avultado numero de diplomados nas tres especialidades do seu ensino, agronomico, veterinario e florestal»

A mais instante necessidade da existencia é a alimentação, e a busca do alimento é ainda hoje, e sêl-o-ha sempre, a mais grave preoccupação das sociedades.

É a agricultura que se incumbe da resolução d'este problema.

A Agricultura é, pois, a industria que trata do cultivo dos campos, afim de obter os productos vegetaes e animaes para a satisfação das necessidades mais imperiosas do homem.

A Agronomia, partindo da observação dos phenomenos agricolas, procura investigar as leis e os principios geraes da sciencia por que elles se regem; estabelecendo depois uma correlação logica e rigorosa entre esses phenomenos e essas leis, chega finalmente a realisar a aspiração de todas as sciencias applicadas, qual é a determinação simples e segura das regras que devem dirigir racionalmente a pratica do officio.

Comquanto a sciencia agronomica se não encontre ainda na posse difinitiva e completa d'esse ideal, que a fará entrar no estado positivo, todavia são incontestaveis os serviços por ella já prestados á cultura da terra.

Mesmo no nosso paiz, pequeno como é, e que não marcha na vanguarda da civilisação, esses serviços são bem evidentes, e ninguem poderá duvidar que os progressos realisados nos ultimos tempos em muitos ramos da nossa agricultura não tenham por origem, proxima ou remota, a diffusão dos preceitos da sciencia nos nossos principaes centros ruraes.

Nas diversas phases da lucta contra a phylloxera e outros males das videiras tem sido notavel o papel desempenhado pelos agronomos, filhos do Instituto, que teem tomado uma parte activissima na reconstituição dos nossos vinhedos, essa grande riqueza nossa que por momentos esteve a aniquilar-se.

A renovação da alfaia rustica, que cada vez mais se accentúa em muitos pontos do paiz, é devida á propaganda tenaz dos nossos agronomos.

O aperfeiçoamento incontestado das nossas raças domesticas reconhece egual origem, e além d'outros exemplos, ainda hoje nas proximidades de Cintra se notam bem claros vestigios da influencia benefica da antiga Quinta Regional, dirigida pelos filhos do Instituto.

O emprego cada vez mais judicioso e generalisado dos adubos chimicos, o aperfeiçoamento de todos os processos de cultura, como se observa em bastantes regiões, obedece ao mesmo impulso.

Um numero já bastante avultado de agronomos saidos da escola, estão hoje á frente das suas explorações ruraes, constituindo outros tantos focos d'onde irradiam beneficos exemplos.

Mas é melhor que á nossa, se substitua a voz auctorisada do mestre.

Eis algumas palavras de Ferreira Lapa n'um dos seus discursos inauguraes do Instituto:

«Mas o que é fóra de duvida é que esta actividade do Instituto tem exercido na educação scientifica da agricultura portugueza influencia muito assignalada.

«Os progressos das nossas industrias ruraes são manifestos; e se todos elles não prendem directamente á propaganda exercida pelas instituições do ensino profissional, se a grande, se a maior parte d'este adiantamento deriva de outras origens, é certo entretanto que a acção individual foi pelo menos acordada, e está sendo em muitas coisas alimentada por aquelle ensino. É facto sabido que antes da promulgação do ensino agricola official, a imprensa periodica era extranha aos assumptos ruraes; que as obras nacionaes, tratando d'agronomia eram rarissimas; e que os jornaes e outras publicações agricolas estrangeiras eram totalmente desconhecidas em todo o reino, com excepção talvez de meia duzia de pessoas. Só por este facto se verifica que o ensino agricola promoveu, pelo menos, o movimento litterario das idéas, origem da nova phase da agricultura n'estes ultimos tempos.

«Quem póde negar que, por exemplo, o que se tem escripto em livros e jornaes a respeito de viticultura e de œnologia exerceu, e está exercendo grande acção no melhoramento pratico da cultura da vinha e do fabrico dos nossos vinhos, dos vinhos communs ou de pasto especialmente? Antes d'estes escriptos sahidos primeiramente e na maior parte do corpo docente d'este Instituto, a physiologia da vinha e a chimica do vinho eram quasi completamente ignoradas. A fermentação dos mostos era um enygma. Não se sabia de que provinha o espirito de vinho. As palavras, tanino, ether, glycerina, œnolina, gleucometro e outras, não tinham curso na linguagem dos praticos. Fazia-se o vinho por uma receita de chapa, empyrica, sem attenção ao estado da uva e do tempo. Desconheciam-se os aperfeiçoamentos da mobilia vinaria.

«A cultura da oliveira, e principalmente o fabrico do azeite reconhecem hoje um certo apuro de perfeição, filho de processos mais intelligentes, a cuja divulgação não foi extranho o que se tem escripto no Instituto ácerca d'esta arte rural. Notaremos n'estes aperfeiçoamentos um só, o uso das filtrações para depurar e restaurar os azeites que n'outro tempo, ou eram consumidos com desgosto, ou se entregavam aos saboeiros, como improprios ao uso alimentar, e que agora são por aquella operação puxados ao estado d'azeites finos e de bom gosto.

«Antes que o Instituto tornasse vulgarisados os primeiros instrumentos e apparelhos de lavoura, um ou outro agricultor apenas conhecia e usava a charrua de Dombasle, alguns corta-palhas, ou corta-raizes, este ou aquelle semeador imperfeito; mas ignorava-se a existencia já então das primeiras machinas de ceifa e de debulha, os rôlos estorroadores, as charruas mais perfeitas que aquella, o trabalho, as operações e os instrumentos de drenagem, o uso e a composição dos adubos artificiaes, — as qualidades dos nossos trigos e milhos e bem assim as das nossas terras lavradias.

«Antes da fundação do ensino agricola, as raças dos animaes das especies domesticas não estavam descriptas nem apreciadas nas suas aptidões, nem recenceadas, nem eram objecto de incitamentos e de competencias excitados pelos concursos e premios.

«Este estudo zootechnico, que tanto tem estimulado a producção do armentio e ensinado a augmentar o seu commercio, partiu ainda do Instituto.»

E referindo-se n'outro ponto propriamente aos agronomos formados pelo Instituto:

«Entre essses homens de sciencia ha talentos de primeira plana, escriptores primorosos e praticos experientes, muitos dos quaes teem nome estabelecido e festejado. Os seus serviços publicos dão testemunho irrecusavel da sua capacidade e zelo inexcedivel.

«É esta classe, já ennobrecida pelo seu proprio valor, que forma a grande e mais honrosa publicação do Instituto, ou antes a sua brilhante irradiação, porque as escolas são afinal a sua grey, na maxima energia moral da sua missão.»

Acabamos de ouvir, pela palavra do illustre professor, respeitado ainda hoje e respeitavel sempre, a consagração dos serviços que a nossa agricultura deve á sciencia e á escola encarregada de a diffundir.

E se as palavras de Ferreira Lapa precisassem de comprovação, lá estão as estatisticas do Instituto a mostrarem que d'anno para anno augmenta a percentagem de filhos de lavradores entre os alumnos do Instituto. E este facto é altamente significativo porque mostra o favor crescente da parte dos lavradores para com esta escola, e a cotação que os agronomos vão attingindo nos centros ruraes.

O progresso tem sido lento, é verdade, mas essa lentidão é uma das caracteristicas do verdadeiro progresso.

A sciencia agronomica é excessivamente complexa, porque os phenomenos que lhe compete estudar são numerosos e complicados, são diversissimas as causas que os produzem, e as circumstancias em que se manifestam e que os fazem variar ao infinito.

Todas as differentes cathegorias de phenomenos naturaes se apresentam no nosso campo de investigação, enredando se de tal modo e modificando-se pela sua acção reciproca, que se torna difficil seguil-os nas suas varias manifestações, e encaral-os, estudal-os e principalmente interpretal-os no seu verdadeiro sentido; são phenomenos de todas as ordens, physicos, chimicos, biologicos, sociologicos, ou quantas vezes, o mesmo phenomeno apresentando-se successiva ou simultaneamente sob cada um d'estes aspectos.

Todas as sciencias puras, a' mathematica, a physica, a chimica, a biologia, a sociologia são chamadas a contribuir com os seus diversos conhecimentos para o estudo e interpretação dos phenomenos da agricultura, todas ellas teem, pois, a sua parte, e parte importante, na constituição da sciencia agronomica.

Por isso o ensino superior d'esta sciencia tem de ser essencialmente scientifico, porque só assim o futuro agronomo adquirirá o saber que o deve dirigir com segurança na pratica do seu officio.

Porque a sciencia não é mais do que o conjuncto das theorias que dão a explicação dos phenomenos observados, e pelos quaes o homem de sciencia se eleva á comprehensão das leis, que regem esses phenomenos.

Ao agronomo, quer elle se dedique á direcção d'uma exploração rural, quer ao ensino da sciencia ou aos diversos cargos do funccionalismo agronomico do Estado, ao agronomo incumbe o conhecimento completo e perfeito d'essas leis e theorias, porque só ellas lhe servirão de solida base, sobre que assente a sua linha de conducta.

E' claro que o legislador não creou o curso superior de agricultura para que o Instituto fosse ensinar aos filhos do lavrador aquillo que os criados d'este sabem executar e executam todos os dias.

A instrucção do agronomo e a instrucção do feitor ou do operario rural são inteiramente diversas; e não é apenas n'uma questão de quantidade, como parece julgar-se, é principalmente n'uma questão de qualidade que essas instrucções se differençam.

Façamos nossas as seguintes palavras do illustre director geral da Agricultura de França, mr. Tisserand, referindo-se ao Instituto Agronomico de Paris:

«A Escola Superior d'Agricultura deve ter em vista formar agronomos, professores e directores de Estações agricolas. Ella deve disseminar pelos campos uma classe de homens distinctos pela instrucção, discretos apreciadores das necessidades das populações ruraes, devotados aos seus melhoramentos, e capazes de defender os seus interesses tanto nos campos como nas assembléas e nos conselhos do paiz.

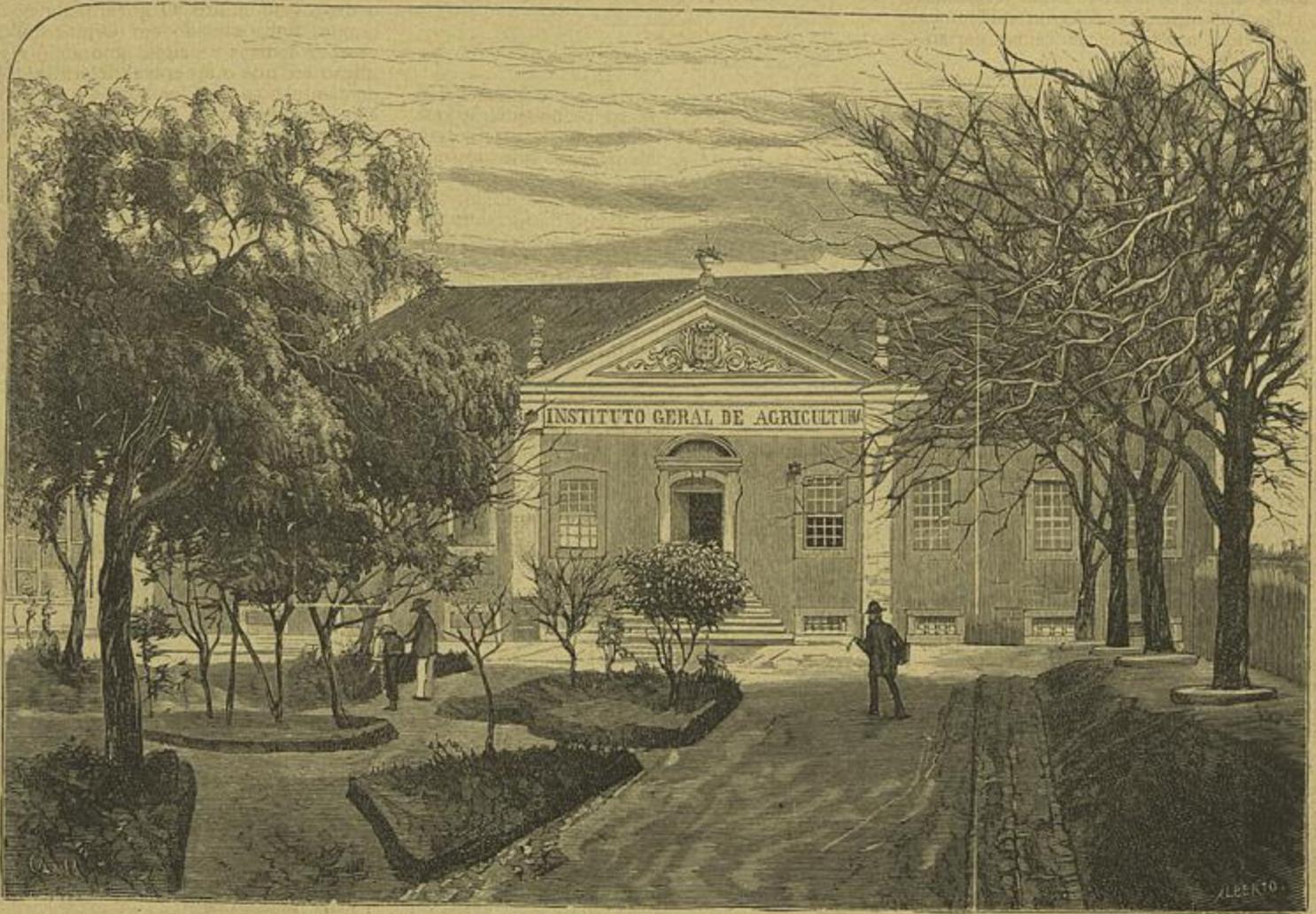
«Não é evidentemente para aprender a conduzir uma charrua, ou uma grade, a atrellar um cavallo ou um boi, que os nossos agricultores enviam seus filhos ao Instituto, não, elles sabem perfeitamente que a pratica deve adquirir-se nos campos, tomando parte em todos os seus trabalhos; *fit fabricando faber*; elles sabem que, ninguem melhor do que elles proprios, está no caso de lhes dar essa instrucção, e que é por milhares que se encontram em França as herdades onde se póde fazer a aprendizagem material da profissão agricola; elles attribuem, e com razão, ao Instituto uma funcção mais transcendente. Pedem-lhe que ensine aos seus filhos os principios da sciencia e, com estes principios, a *pratica scientifica*; emquanto á *pratica simplesmente agricola*, que deve por seu turno vir fecundar os dados da sciencia, elles saberão fornecer-lh'a efficazmente, depois d'esses rapazes terem deixado os amphitheatros e os laboratorios do Instituto.

«Assim como o estudante que sae da Escola Polytechnica deve, antes de ser collocado nos serviços publicos, passar por uma escola de applicação ou por um estagio junto d'um engenheiro, de igual modo o alumno agronomo, para adquirir a noção completa do officio e exercel-o magistralmente, deve sugeitar-se a uma iniciação identica.

«Todos teriam como coisa irrealisavel e absurda o exigir-se da Escola Polytechnica ou da Escola Central, que em dois ou tres annos apromptassem alumnos capazes de dirigir e administrar immediatamente uma grande fabrica ou qualquer serviço publico.

«De egual modo ao Instituto Agronomico incumbe formar habeis theoricos, homens exercitados para as applicações da sciencia, aptos a virem a ser, nos seus meios, guias de confiança e depois, com o auxilio da experiencia, praticos consumados, agricultores completamente armados para

[1] Ferreira Lapa.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

EXPOSIÇÃO E CONCURSO DE ALFAIA AGRICOLA — O INSTITUTO DE AGRONOMIA E VETERINARIA

ALBERTO

EXPOSIÇÃO E CONCURSOS DE ALFAIA AGRICOLA — O INSTITUTO DE AGRONOMIA E VETERINARIA, MUSEU

(Copia de photographias)

conduzirem vantajosamente toda a especie de explorações agricolas.

«E demais, em toda a parte onde teem sido creadas, as Escolas superiores d'Agronomia nunca tiveram outro fim, nunca tiveram outras pertenções».

Estas palavras, dirigidas a um publico illustrado, como é o povo francez, definem nitidamente a indole do ensino da Agricultura, tal como elle se faz em França, na Allemanha, em toda a parte onde existe, incluindo em Portugal, onde elle foi a obra de Ferreira Lapa, de Silvestre Lima, de Andrade Corvo e de todos os seus collegas d'então, e hoje continuada pelos seus discipulos.

É, pois, esta a indole do nosso Instituto, que outra não poderá ter; sem falsear a idéa que presidiu á sua organisação; sem apagar as suas tradições, que as tem já esta escola e bem honrosas; sem ir d'encontro a todas as idéas pedagogicas, sustentadas com unanime consenso, pelos homens mais notaveis, pelos espiritos mais superiormente orientados de todos os paizes.

Conforme as idéas expendidas pelo illustre Tisserand, os nossos alumnos ao sahirem do Instituto Agricola passam um anno em tirocinio na Escola pratica de agricultura de Coimbra, e é ahi que elles devem receber, na phrase de Tisserand, a sua iniciação nos trabalhos da pratica agricola, que vem por seu turno fecundar os dados da sciencia.

Filippe E. de A. Figueiredo.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

EXPOSIÇÃO E CONCURSOS DE ALFAIA AGRICOLA — O INSTITUTO DE AGRONOMIA E VETERINARIA, LABORATORIO

O VICE-REINADO DE D. VASCO DA GAMA

(CAPITULO D'UM LIVRO INÉDITO)

(Concluido do n.º 707)

Seguiu elle proprio em outubro deixando ao capitão da cidade a mesma recommendação que fizera ao de Chaul, — que não obedecesse ao governador D. Duarte de Menezes, se este viesse, e ainda mais, que nem lhe consentisse o desembarque. Tocou, de caminho, Cananor, tendo Simão de Menezes tomado posse da fortaleza em que vinha provido, onde foi muito bem recebido e tratado pelo rei, e Cranganor onde o vêdor de fazenda, doutor Pedro Nunes, em demorada conferencia lhe referiu miudamente as cousas da India e as torpezas de D. Duarte. Desembarcou finalmente em Cochim, onde foi muito solemne a sua entrada, sendo logo visitado pelo rei que vinha montado n'um elephante. Desde logo começou a trabalhar *sem repouso, nem sésta*, proseguindo no mesmo programma de governo, de que deixára memoraveis e memorandos emxemplos em Goa.

Estava então em Cochim D. Luiz de Menezes, irmão do governador D. Duarte de Menezes, a quem por vezes tinha notado os erros que commetia, tendo-se, por isso, desavindo ambos. Pelas praticas que teve com o vice-rei e com outros, D. Luiz, aliás muito favorecido, como merecia, por Vasco da Gama, que sabia de tudo, teve conhecimento do mau conceito em que estava na côrte o irmão, e das recommendações deixadas pelo vice-rei em Chaul e Goa, que já conhecemos; por vezes tentou attrahir o animo do vice-rei em favor de D. Duarte; foi mal succedido, e isto o desgostou muito. O governador que, por esse tempo, tinha andado em Ormuz continuando a receber dadivas e peitas, ignorando a sua substituição e o que o esperava, determinou vir a Goa; de caminho tocou Chaul onde o capitão da fortaleza Christovam de Sousa lhe mandou refrescos a bordo, accrescentando que o servia no que mandasse como D. Duarte, mas não como governador; d'ali veiu a Goa onde o capitão da cidade lhe mandou dizer o mesmo; após alguma detença foi a Cochim. Corria o mez de novembro. Estas breves linhas são necessarias para o preambulo do estrondoso conflicto que vae haver entre o vice-rei e o governador.

Apenas soube que D. Duarte estava já na barra de Cochim, Vasco da Gama mandou Lopo Vaz de Sampaio que era capitão da fortaleza, e Pero Barreto, que servia de ouvidor geral, por estar doente João de Soeiro, para dizerem ao governador que não desembarcasse, mas sim passasse á nau *Castello* prestes a sahir para o reino, a bordo da qual havia de ir preso com homenagem, conforme as ordens de El-rei. Lopo Vaz foi quem deu o recado a D. Duarte, o qual lhe exprobou o procedimento de ser portador d'uma semelhante mensagem, lembrando-lhe que seu pae, o conde prior D. João de Menezes, o armára cavalleiro. Lopo Vaz replicou que cumpria a ordem de El-Rei e que a cumpriria ainda mesmo contra seu proprio pae, cortando-lhe a cabeça, se assim lhe fosse mandado. A réplica não abonava nem o espirito, nem o coração do Capitão de Cochim,

que tambem teve seus amarissimos dias de tribulações e de infortunios, desde que foi remmettido preso para o reino pelo governador Nuno da Cunha. Dedo de Deus! D. Duarte obedeceu ao mandado do vice-rei, escolhendo apenas a nau *S. Jorge* que tambem estava apercebida para a viagem e em que se metteu com as suas bagagens, porque, dizia, tinha provisão regia para quando tivesse de regressar a Portugal, optar pala embarcação que lhe parecesse conveniente.

O vice-rei não quiz attender a esta mudança, e mandou intimar a D. Duarte que havia de ir preso na nau *Castello* e em nenhuma outra Treplica de D. Duarte que o vice-rei, fizesse o que bem quizesse, já que usava de poder absoluto e *tinha a faca e o queijo*. Ouvindo isto o vice-rei, ordenou immediatamente que dois galeões apparelhados e artilhados fossem com o condestavel, o ouvidor, e dois tabelliães á barra, — devíam surgir pela pôpa da *S. Jorge*, o ouvidor acompanhado dos tabelliães ir demandar a nau e requerer de fóra a D. Duarte da parte de El-rei que logo saisse d'ella e passasse para a *Castello*. — não obedecendo o governador, os tabelliães lavrassem auto com testemunhas, e de novo se requeresse o mesmo por tres vezes, — se ainda, depois d'isto, não obedecesse, fosse advertida a gente de bordo para sair, porque a nau ia ser mettida a pique, devendo sêl-o sem perda de tempo. Ao condestavel e ao ouvidor foi tomado juramento de inteiramente assim procederem.

D. Luiz de Menezs, vendo a atttitude do vice-rei foi supplicar-lhe menos rigoroso procedimento para com o irmão, acrescentando que as determinações pareciam mais filhas de odio do que de justiça. O vice-rei foi inflexivel e fez sentir a D. Luiz que praticava tudo em conformidade com as ordens de El-rei, pois não tinha odio, nem motivos de odio a D. Duarte, e ainda usava de lenidade em attenção a elle D. Luiz,—que aconselhasse a seu irmão obediencia e submissão. D. Luiz tornou a fallar com azedume, de que resultou virar-lhe as costas o vice rei, sahindo o capitão pela porta fóra com palavras acrimoniosas.

Não tardou que o vice-rei soubesse d'este ultimo procedimento e encarregasse Lopo Vaz de intimar a D. Luiz ordem de immediato embarque, sem ser acompanhado de pessoa alguma, ficando elle a uma janella da fortaleza para vêr cumprido o seu mandado Lopo Vaz foi á casa do capitão que ia á meza comer com a sua comitiva, e deu a ordem. D. Luiz com lagrimas nos olhos seguiu obedecendo a Lopo Vaz, o qual não consentiu que pessoa alguma d'entre os que estavam na casa, os acompanhasse ou sahisse fóra, e foi metter-se na nau *S. Jorge* onde estava D. Duarte escutando o ouvidor. O encontro dos dois irmãos foi muito commovedor; não se tinham visto desde que D. Duarte chegára a Cochim, por que D. Luiz deliberadamente o não tinha vizitado, receiando que o vice-rei cuidasse que ambos se entendiam. D. Duarte era de temperamento phleugmatico, animou o irmão; vamo-nos a Portugal, dizia-lhe, que se Dens nos levar, será o que elle quizer; transferiram-se para a nau *Castello*, como ordenára o vice-rei.

Não se limitou Vasco da Gama só a isso, incumbiu Affonso Mexia de intimar o ex-governador para entregar os dinheiros que recebeu em tal e tal logar, em tal e tal épo.ha. D. Duarte respondeu que só daria contas a El-rei; mas temendo que o vice-rei lh'os tomasse á força, pôz em muito boa guarda o seu thesouro de concerto com o vigario geral Bastião Pires, seu intimo.

Entretanto tinha adoecido o vice rei da molestia que o levou ao tumulo, e, por isso, mandou Lopo Vaz, Affonso Mexia, doutor Pedro Nunes e Vicente Pegado, seu secretario que ao despacho lhe fallava com o joelho no chão, com um auto em que se consignava ter recebido de D. Duarte o governo da India. Este que sabia da doença de Vasco da Gama, pensando que no caso do fallecimento, continuaria na governança de que ainda se julgava de posse, respondeu que não era costume fazerem os governadores a entrega no mar, senão á porta da fortaleza, que assim a daria, de outra forma não. O vice-rei a quem esse recado foi transmittido percebeu logo o plano de D. Duarte, a quem mandou intimar que estava preso no Castello, d'onde não havia de sair senão em Portugal por decreto de El-rei — que já tomára a entrega da India, — que não cuidasse o ex-governador que o seu plano iria adeante; fez voltar á terra os emissarios e lavrar outro auto de todo o occorrido. Comtudo, fallecendo Vasco da Gama a breve trecho, D. Duarte conseguiu regressar na nau *S. Jorge* e D. Luiz na nau *Santa Catharina* com autorisação do governador D. Henrique de Menezes. D. Duarte chegou a Portugal, onde andou preso em varios logares até que, por altas influencias foi posto em liberdade e mandado para a capitania de Tanger, sem nunca se lhe achar o dinheiro que tinha bem guardado; D. Luiz com a sua nau foi capturado por uns corsarios francezes que a queimaram, matando toda a tripulação.

Além d'este conflicto e das providencias que deu para guarnecer Calecut e a costa de Melinde, assim como para se preparar uma bem provida armada que, sob o commando de D. Estevam da Gama, devia ir ao Mar Roxo, nada mais de notavel occorreu em Cochim durante os dous mezes do vice-reinado, sempre marcado por actos de energia e moralidade. A Fernão Martins Evangelho, feitor da armada, accusado com alguns outros de peculato, mandou prender e syndicar. Fernão Gomes de Lemos que fôra capitão de Ceylão e viera d'ali com muitas queixas, entre as quaes a de ter cortado o ante braço a um homem, chamado por alcunha o Ganchinho, mandou pôr a ferros na fortaleza. Proseguia na difficil obra da desinfecção social e moral, com que, «mettia a India em um mui direito caminho para bem do serviço de El rei e bem do povo, e sobretudo mui direita justiça, que andou mui perdida».

O programma do vice-rei infelizmente não pôde concluir-se Entravou-o a doença que o accometteu, paralysou-o a sua morte, cujos pormenores foram em outro capitulo referidos.

Tem assim acontecido muita vez na India. Parece que el-rei D. João III já previa que Vasco da Gama não tornaria vivo a Portugal, e por isso precisava providenciar sobre a successão, afim de evitar perturbações na administração da India, onde o prestigio da autoridade se achava gravemente debilitado pelos abusos e desmoralisações: o vice-rei foi o primeiro que trouxe as chamadas vias de successão, sendo d'ella depositario Affonso Mexia que muito mal andou no uso d'ellas, quando se travou a deploravel contenda entre Lopo Vaz e Pero Mascarenhas. Deve-se distinguir e não confundir, como se vê em alguns escriptores as *cartas de prego*, como a que trouxe Affonso de Albuquerque, quando veiu á India em 1506, para assumir o governo, logo que o vice rei D. Francisco d'Almeida, findo o seu triennio, partisse para o reino, *das vias de successão*, exclusivas para os casos de vacatura por fallecimento. Por largo tempo durou o regimen das vias de successão, que eram depositadas no convento de S. Francisco d'Assis n'um cofre especial a cargo do respectivo Guardião. Um alvará régio datado de 24 de novembro de 1610 providenciou sobre a sua guarda e processo de abertura.

Goa. *J. A. Ismael Gracias.*

Quarto Centenario da Instituição da Misericordia de Lisboa

III

O retrato do Instituidor

Se, como dissemos, a ossada de fr. Miguel Contreiras, foi como a de tantos outros frades trinos subverter-se nos entulhos do sub-solo da cidade, ficaram-nos porém varios retratos do venerando ancião.

De um que existia na varanda do claustro pequeno do convento da Trindade se reproduziu pela gravura o que acompanha a obra — *Retratos e elogios dos varões illustres de Portugal*. Apresenta-nos alli cara larga e cheia, barba rapada, cabellos soltos em redor da larga corôa, olhar beatifico, expressão fradesca, incaracteristica.

Muitos outros retratós, ficaram do celeberrimo conventual, conforme nos relata o chronista da Ordem da Santissima Trindade o P. Mestre fr. Jeronymo de S. José, a folha 329 da sua Historia Chronologica (Tomo 1); um em Santarem, no convento da mesma Ordem dos Trinos, na Casa do *De Profundis*, outro na Bibliotheca Nacional de Lisboa, do qual o fallecido Provedor Dr. Thomaz de Carvalho ordenou, se tirasse uma copia, para se collocar na Sala da Mesa da Misericordia.

Tardia foi a homenagem, prestou-lh'a porém o seu intelligente e remoto successor. Encarregou-se da copia o pintor Antonio Thomaz da Conceição Silva, o qual a executou com primeroso acabamento em 1896.

Differe porém bastante este retrato, do que vem publicado na collecção dos *Retratos e Elogios*. Apresenta-se-nos aqui sob o aspecto de homem já de provecta edade, elevada estatura, rosto venerando, insinuante, sympathica cabeça de velho, de longas barbas alvejantes. Traja o habito branco dos trinos e hastea na mão a bandeira da Misericordia. (1)

Este retrato é o n.º 11 da preciosa collecção da Bibliotheca Nacional; foi pintado em 1766 por Carlos Antonio Leoni. O sr. Nery de Faria e Silva mandou reproduzir o quadro pela photographia. Encarregou-se d'esta reproducão o sr. Rodrigues, empregado da Bibliotheca, e d'esse *cliché* uma das provas foi reproduzida pela zinco-gravura no *Seculo*, acompanhando o artigo pelo sr. Nery publicado no dia 15 de agosto de 1898, e outra prova foi transformada na photo-gravura inserta no n.º 707 do OCCIDENTE, de 20 de agosto ultimo.

Nas bandeiras que sempre usou este pio estabelecimento e sahiam em todas as occasiões solemnes, perpetuou-se, como glorificação de eterna saudade, logo depois da sua morte, a memoria de santo trinitario, por meio do retrato que por determinação superior, n'ellas foi mandado pintar.

O tempo porém, provocando o esquecimento, fez com que tal pratica de gratidão, cahisse em desuso. A Ordem da SS. Trindade, ciosa das glorias da sua Casa professa, foi quem levantou do esquecimento a memoria do glorioso fr. Miguel Castelhano — o Instituidor — reclamando em 1574 contra o facto de ter ao cabo de sessenta annos desapparecido das bandeiras da Santa Confraria a imagem do benemerito frade.

Fez a ordem a justificação do seu pedido perante a Mesa, em face do compromisso, acompanhando-a de um inquerito em que fôram ouvidas numerosas testemunhas. D'este inquerito que é um documento curioso, cujo original existe na Torre do Tombo e vem publicado em additamento nos *documentos* do livro do Sr. Costa Goodolphim — *As Misericordias* — se apurou que a figura do veneravel frade trinitario reconhecida e authentica, andára sempre pintada, com o seu habito branco e cruz azul e vermelha da ordem, não só na bandeira da Misericordia como no retabulo do altar-mór e em uma arca ou caixa de esmolas da mesma Santa Casa.

Estudado o assumpto, feito o auto de inquirição e examinado o compromisso e suas assignaturas, resolveu a mesa da Misericordia, sendo Provedor D. Diniz de Lencastre, por seu accordão de 12 de Setembro de 1575, o seguinte:

«Assentamos de commum accordo e unanime consentimento, conforme os papeis e instrumentos authenticos e mais diligencias feitas na materia de que se trata, que o grande religioso e apostolico varão fr. Miguel de Contreiras, mestre em a sagrada theologia, confessor da augustissima Rainha D. Leonor, e religioso professo na Ordem da SS. Trindade da redempção dos captivos, o qual até á sua morte viveu no seu convento de Lisboa, seja havido, chamado e venerado por Instituidor d'esta santa irmandade da Misericordia de Lisboa, da qual, como de facto, manaram todas as mais do reino de Portugal e seus senhorios.»

«E assim mais assentamos que o dito servo de Deus seja pintado nas bandeiras da mesma irmandade, para que de todo o povo seja vista essa imagem e venerado como fundador, em reconhecimento do serviço que a Deus fez e á republica este insigne varão. Pelas quaes causas fazemos este assento no livro dos accordãos da dita confraria, para perpetua memoria de negocio tão importante, assignado por nós em Lisboa aos 12 dias do mez de setembro de 1575.»

E não se tendo determinado qual a forma porque se pintaria a figura do religioso na bandeira, pois não existia nenhuma das antigas tornou-se necessario que a ordem requeresse de novo obtendo da nova mesa de 1575, cujo Provedor era Rui Lourenço de Tavora, que foi vice-presidente da India, o seguinte accordão:

«De commum accordo e unanime consentimento determinamos que no pintar das bandeiras, esteja de uma parte a imagem de Christo nosso Redemptor, e da outra a Santissima Virgem, Mãe de Misericordia. A sua mão direita um papa, um cardeal, e um bispo, como cabeça da Egreja militante, e um religioso da SS. Trindade, grave, velho e macilento de joelhos e mãos levantadas, com estas lettras F. M. I., que querem dizer frei Miguel Instituidor; e da parte esquerda da mesma Senhora um rei e uma rainha, em memoria do inclito rei D. Manuel e a rainha D. Leonor, como primeiros irmãos d'esta Irmandade; mais dois velhos frades e devotos, companheiros do veneravel instituidor, e aos pés da Senhora algumas figuras de miseraveis, que representam os pobres, etc. (15 de setembro de 1576).»

Em 24 de abril de 1627 veiu finalmente um Alvará Regio de D. Filippe II ordenar que as «ban-

(1) Este retrato custou á Santa Casa a quantia de 45.000 réis.

deiras de todas as Misericordias destes reinos se conformem com as desta cidade de Lisboa, fazendo-se e pintando assim e da maneira que nella se usa, com a imagem do dito religioso e as lettras de F. M. I., como dito é, e que as bandeiras que já estiverem feitas, e pintadas se emendem, etc. [2]

Esta bandeira da Misericordia tão afamada, que até ganhou fóros de um symbolo litterario, vem descripta tambem no precioso livro de fr. Nicolau de Oliveira.

«E' grande, diz elle, e tem de uma parte uma «imagem de Nossa Senhora com as mãos juntas «e levantadas em alto, extendido um grande man«to, que representa ter a côr do ceu, sustentando «de uma parte e de outra dois anjos; e debaixo «d'este manto se recolhem, de uma parte o sum«mo pontifice e á sua mão direita hum religioso «da ordem da Santissima Trindade, com trez let«tras na borda do seu habito, que são F. M. I. e «querem dizer *Frei Miguel Instituidor*.»

«Seguem-se logo um cardeal e um bispo, que «fazem companhia ao summo pontifice, em me«moria do Sancto Padre e mais Prelados, que «confirmaram esta Irmandade.»

«Da parte esquerda d'esta imagem estão as fi«guras seguintes: uma de um rei, outra de uma «rainha, em memoria d'aquelles excellentissimos «Principes El-rei D. Manuel e rainha D. Leonor, «fundadores e favorecedores e ajudadores d'esta «Irmandade e Irmãa, e com mais duas figuras de «varões, anciãos graves e devotos em memoria «d'aquelles mui piedosos, zelosos e devotos va«rões que foram os primeiros Irmãos e compa«nheiros do padre Miguel e todas estas figuras «estão enlevadas em Nossa Senhora como que a «lhe pedir remedio, soccorro, e ajuda para todas «as necessidades do povo, pois elles todos a to«maram e escolheram por intercessora e advoga«da d'esta santa Irmandade e como May piedosa «e May de misericordia; e tendo as coroas nas «cabeças estão todos com as mãos juntas e levan«tadas e os olhos na Imagem; entre uns e outros «estão alguns pobres; e tem d'esta parte na bor«dadura, uma lettra que diz «*sub tuum præsidium confugimus, etc.*»

«E esta figura vai sempre para a parte dian«teira; e na parte da Tumba fica pintado o des«cendimento da Cruz, nesta maneira: — uma cruz «que toma a bandeira em alto e ao pé d'ella uma «imagem de Nossa Senhora com os braços aber«tos e mãos estendidas, a cujos pés está um «Christo estendido e aos pés a Magdalena e á ca«beceira São João Evangelista e na bordadura «uma lettra que diz aquellas palavras do propheta Isaias, capitulo V — *livore eius Sanati Summus*.»

Tal era a pintura do painel ou bandeira da Misericordia, como ainda hoje pode vêr-se nos tres paineis que existem na sachristia da egreja de S. Roque, hoje transformada um mostruario das riquissimas preciosidades artisticas pertencentes á capella de S. João Baptista e á Misericordia [3].

Tabem se encontra a figura de fr. Miguel no famoso grupo collocado sobre a porta da Conceição Velha, a que no primeiro artigo alludimos e que é o mesmo quadro do painel, reproduzido em pedra.

Victor Ribeiro.

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

—

(Continuado do numero anterior)

N'aquelle momento ouviram-se passos precipitados que subiam a escada e chegavam ao patamar, e quasi ao mesmo tempo penetravam na galeria um raio de sol e o engenheiro Enéas — dois raios de sol.

— Amalia..., minha senhora..., quéro dizer... será certo, positivamente certo o que me disse o papá... o doutor Roque... queria eu dizer? E' certo que a menina? — Perdoa, Frederico; sinto-me tão feliz. Nem sei onde tenho a cabeça; estás arruinado; eis a minha mão, dispõe de mim, sem cerimonia... mas, com mais vagar, fallaremos.

A Amalia e o Frederico, instinctivamente, apartaram-se; ella, em extremo pallida, elle com os olhos fitos nos vidros.

— É certo? — insistiu o Eneas — é, certo, minha senhora, que?...

— É certo — respondeu a Amalia sem o deixar concluir, e fugiu, a chorar.

— Que terá ella? — perguntou o desditoso Eneas ao amigo — não compreendo...

— O amôr torna muito sensiveis as pessoas — retorquiu o Frederido em tom levemente chocarreiro. — Se é que não entendi mal — a Amalia...

— Entendeste perfeitamente. A Amalia acceita, ou mais exactamente falando, acceitára já, porque foi ante hontem que se decidiu a tornar-me o mais ditoso dos mortaes... Agora tractemos da tua pessoa... estás arruinado, segundo se diz, mas não importa, havemos de vêr como isso se poderá arranjar: pelo caminho vim deitando o olho a esta propriedade: deve valer, pelo menos, 300:000 francos.

— Exaggeras: foi avaliada em 200:000.

— Essa avaliação é escandalosa; farei com que t'a comprem por 300:000; pagarás as tuas dividas e ficarás ainda com o sufficiente para comprares uma bonita casinha e umas territas. Oiço dizer que queres levar vida de camponio; leval-a-hás, á fé de Eneas. Vamos, nomeia me desde já teu procurador e manda o outro passear; dá-me plenos poderes e eu livro-te de apertos em menos de tres semanas. Em recompensa, apenas te péço um favor; estás disposto a conceder-m'o? não me dirás que não?

— Que vem a ser esse favor?

— Que has de ser padrinho do meu primeiro filho varão; havêmos de lhe pôr Leão Frederico, e o teu nome será para elle optimo agoiro, porque deves ter notado que a mãe é um tanto scéptica... e por facecia...

— A mãe?

— A Amalia, homem, a Amalia! Não repares que eu assim lhe chame... Estou de tão bom humor! Sou tão feliz! Ah! meu caro Frederico, se soubesses quanto sou feliz!

XXIII

No qual o Joaquim e o Romulo ajudam o dr. Roque a praticar uma sangria

Pela primeira vez desde que o Joaquim servia consciensiosamente de victima ao dr. Roque (*de braço direito*, dizia este) aquelle encontrava forças para erguer a cabeça, e para pensar e dizer sem rodeios ao pae da Amalia que tinha praticado um destempero. Era de egual parecer o Romulo, e semelhante accordo, em vez de tornar furibundo o doutor, amansava-o e convencia-o.

— Lá que fiz, fiz, e não tem remedio.

A Amalia disse que sim ao engenheiro, e podemos ter a certeza de que já lhe não diz que não; holá, se fiz!

— Se fosse o engenheiro que dissesse que não? — observou o Romulo.

— Seria um reverendissimo mentecapto — respondeu o Joaquim — eu porém admiral-o-hia, de joelhos...

Dava-lhes que pensar; não era facil resolver-se o Eneas a renunciar á mulher conquistada á força de tanto trabalho e a travez de cem obstaculos e mil receios; descobrira n'aquella mesma manhã que a mão da Amalia, aquella mão que era sua e que elle tinha o direito de admirar de perto, era uma mãosita pequenissima, graciosa, rechunchuda, e com unhas côr de roza. E era para temer que, de um momento para o outro, comparecesse perante os dois velhos, radiante como uma luminaria, annunciando-lhes algum novo e precioso descobrimento praticado na pessoa da mãe de seus filhos.

Por outra parte, o Frederico estivera agarrado a elle todo o santo dia, sob pretexto de o fazer examinar o muzeu; porém, que pretexto haveria, para á meza lhe indicar o lugar mais distante da Amalia, e sental-ao pé de si? E não obstante, praticára tão inutil crueldade.

Mas que singular aspecto o do Frederico! Tranquilo e risonho, phenomeno incomprehensivel!... Só o que tinha era distrahir-se, de quando em quando, e os velhos, que o observavam, julgavam adivinhar uma coisa, e era que resolvêra evitar o olhar da Amalia e subministrar ao engenheiro themas de consideravel amplificação.

Durante o jantar, o Eneas e o Frederico fizeram as conversações; dos demais nenhum se permittia ir além de um ou outro monosyllabo; e o resultado, como aliás se compreenderia, foi um jantar bem pouco alegre.

A sobremeza, o dr. Roque declarou não se sentir bem, e pediu licença para recolher ao quarto. A Amalia e a Tranquilina seguiram-n'o.

Chegára para Romulo e Joaquim o momento de separarem os dois pretendentes, tomando a cada um d'elles de parte, e fazer-lhes compreender, ao Enéas, que devia apresentar a *magna renuncia*, e ao Frederico, que, mais do que nunca, devia estar esperançado.

Uma olhadella bastou aos dois velhos para se porem em connivencia, n'este comenos, porém, fez o engenheiro menção de erguer-se, o que o Frederico fez antes d'elle, e sahiram juntos, de braço dado.

O Romulo e o Joaquim enfiaram atraz d'elles.

— Ainda temos tres quartos de hora de dia, — disse o Frederico — vou-te mostrar as excavações.

— Vejamos as excavações — respondeu o engenheiro com a docilidade propria dos engenheiros felizes; — vejamos essas excavações.

No fundo d'aquella bondade havia um pouco de egoismo; convem saber que o Eneas tomára um quarto na unica estalagem decente de Pusiano, mas não tinha a minima vontade de voltar para lá, e o Frederico não o convidára ainda a ficar na quinta.

Visitaram a primeira cova; o engenheiro, querendo dar provas de competencia, desceu valorosamente até ao fundo, apanhou alguns cácos e atirou-os cá para fora; depois, subiu com uma coisa na mão e observou-a á escassa luz do crepusculo.

— *Turba* — disse com extrema placidez — *turba* antiga, picea...

Visitaram a segunda e a terceira cova, e em cada uma pronunciou o Eneas as mesmas solemnes e mysteriosas palavras: turba antiga picea...

— Que tu nos digas que é turba antiga, até ahi vá que não vá — disse o Joaquim — mas lá o tal *picea*, a fallar verdade, é quezilento a valer.

Não respondeu o engenheiro e metteu na algibeira a turba que apanhára.

— Mas o que é que vaes fazer?

— A analyse chimica. Ha por cá os acidos indispensaveis para o caso.

E callou-se para dar tempo ao Frederico de conceber uma ideia elementar; mas como o Frederico nada concebesse, atreveu-se e disse:

— Se tens uma cama que me emprestes por esta noite, para eu não ter de voltar a Pusiano, fico cá, e amanhã farei a analyse respectiva; de mais a mais, quero visitar a tua propriedade por causa d'aquella ideia... em que te fallei; — que te parece?

O Frederico, não podendo esconder a cama que o Enéas já tinha bispádo, respondeu que lhe não parecia mal, antes, pelo contrario...

Regressaram todos a casa, e apenas reunidos, souberam que o doutor Roque tivéra um accesso de gôta, e que rogava ao Romulo e ao Joaquim que fossem ao seu quarto.

— Que comedia será esta? — disse o Joaquim para o Romulo — este pobre homem não faz senão metter os pés pelas mãos! Para que imaginará elle que possa agora servir-lhe a gôta?

— Assim que os dois penetraram no quarto do doutor Roque, Tranquilina sahiu, e mal se viram a sós, o Joaquim, que estava em veia de rebelar-se, principiou a rir; o olhar, tremendo, porém, do doutor reduziu-o ao silencio.

— Palavra de honra! — disse o Joaquim, contemplando o tecto para cobrar animo — que não acertamos com o calculo. Não compreendo para que é que... não compreendo para que fim...

Passava do plural, ao singular tambem para criar animo, mas, sabidas as contas, acabou por emmudecer.

Tocou agora a vez ao Romulo.

— O Joaquim quer dizer na sua que não entende... nem eu, tão pouco, entendo para que possa servir a gôta no estado actual dos negocios...

— Deveras! — bramiu o doutor Roque, pronunciando com tanta difficuldade como se tivéra a lingua embrulhada..

— Nem eu tão pouco, palavra de honra, nem eu tão pouco...

— É que eu não estou com a gôta; disse-o a minha mulher e a minha filha para que não se assustassem... Depressa, feche a porta, dê-me d'ahi, do lavatorio, a bacia, e silencio.

Ordenava o doutor Roque, com accento breve e imperioso, que não admittia resistencia.

Ergueu-o Joaquim sobre as almofadas, e chegou-lhe a bacia.

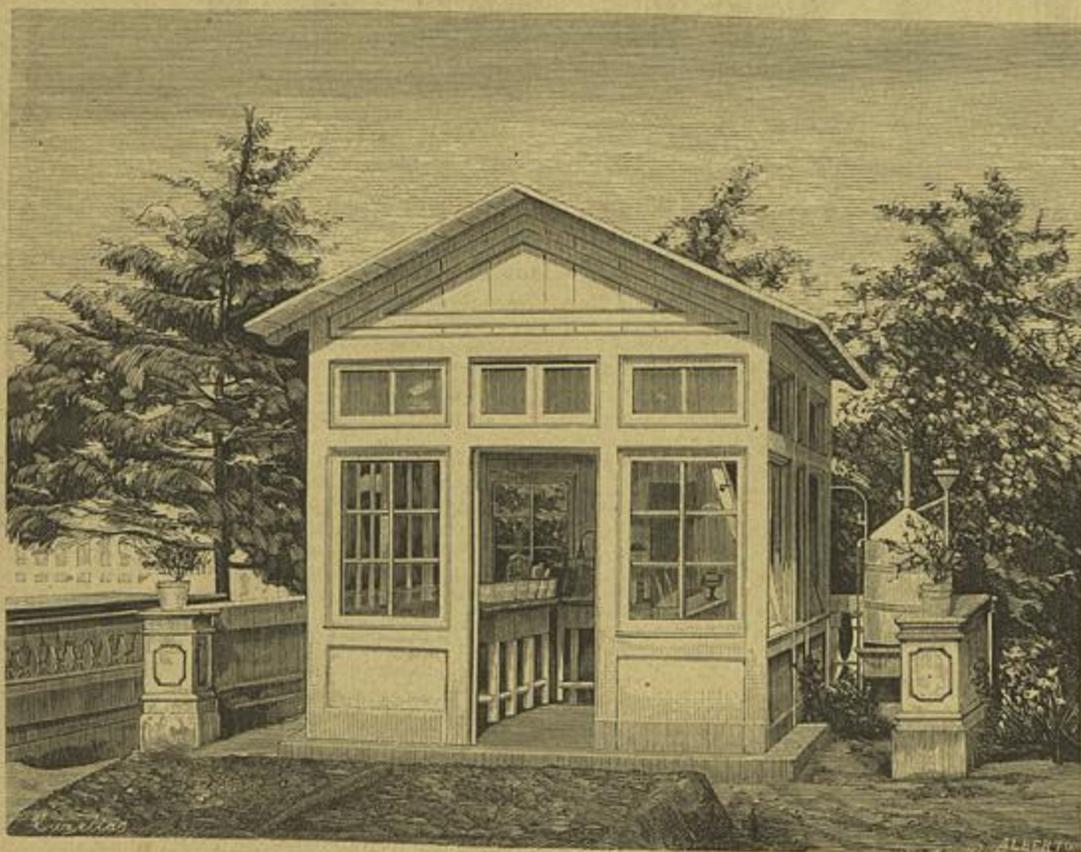
— Espere ahi. Que quer você que eu faça com isto? O senhor Romulo procure ahi nas algibeiras do meu sobretudo, que hade encontrar um estojo com lancetas e uma ligadura — encontrou? Muito bem: dê cá e allumie...

E mais não disse: ergueu-se, não sem esforço,

---

[2] Pag. 178 da Collecção de Legislação Andrade.

[3] Em um livro de despeza de 1784 encontramos a conta do custo da pintura e mais pertences da bandeira mandada fazer n'aquelle anno. Foi de 88$525 réis a importancia total e Manuel Pereira Pegado o artista que a executou. Consta terem sido recentemente restauradas mas não foi possivel encontrar a nota da despeza respectiva.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

EXPOSIÇÃO E CONCURSOS DE ALFAIA AGRICOLA — O INSTITUTO DE AGRONOMIA E VETERINARIA — PAVILHÃO DE EXPERIENCIAS AGRICOLAS

(Copia de photographia)

quanto poude, estendendo o braço direito por cima da bacia, e tranquillo, abriu uma veia...

Jorrou o sangue, negro e abundante; o doutor, exhalando longo suspiro, cerrou os olhos e deixou-se cahir sobre as almofadas...

Doutor Roque! — exclamou assustado o Joaquim.

Chiton!... replicou aquelle em voz baixa — estou melhor...

Ninguem se movia; o sangue continuava a correr; por fim o doutor mexeu os labios para fallar.

— Basta? — apressou-se em perguntar o Romulo.

— O enfermo disse por acênos que sim.

O Joaquim appoiou immediatamente o dedo polegar sobre a veia; o Romulo procurou uma compressa, e como a não encontrasse, rasgou o lenço com os dentes, e entre ambos ataram em volta do braço do doutor uma ligadura que teria reduzido á immobilidade os musculos de um athleta.

Depois, olhou um para o outro, atemorisados da propria valentia.

— Não era por brincadeira — disse o Joaquim abafando a voz.

— Parece que não — disse o Romulo.

— Parece — interrompeu o doutor Roque; — rogo-lhes que não assustem minha mulher nem a pequena; digam-lhes que foi um ataque de gôta.

— Pois que foi?

O doutor abriu os olhos, fitou ambos os semblantes assustados e disse:

— Um accidente!

Vendo porém o effeito que as suas palavras haviam produzido nos dous velhos, arrependeu-se, e para os animar, accrescentou:

— Um accidente sem gravidade .. mas aos senhores que lh'importa?... Vamos, retirem-se, deixem-me em paz, e amanhã estarei curado.

Entretanto viera a noite, e como fizesse frio ao ar livre, o Enéas e o Frederico haviam entrado na sala do primeiro andar, e alli estavam á espera que entrasse alguem.

Entraram, a final, o Romulo e o Joaquim para dar, com tranquillo socêgo, a noticia do ataque de gôtta do doutor; depois, voltaram para cima; a unica que não appareceu foi a Amalia.

Derepente lembrou-se o Frederico que não mostrára ao amigo o aposento que lhe destinára, e levou-o para um quarto pequenino, no extremo do corredor, um quartinho precioso, muito retirado, segundo elle dizia, e onde não chegava a minima bulha.

O Enéas poz em pratica a sua astucia toda para ver se descobria onde era o aposento da noiva; o Frederico, porém, foi implacavel e não lh'o quiz dizer sem que elle lh'o perguntasse.

— A Amalia sabe onde é que eu durmo?

— Nem sequer sabe que dormes cá.

— Que pena! — disse ingenuamente o engenheiro. — Pois sim, sim; ri-te: tu sabes lá o que séja amôr!

Era tarde; forçoso era separar-se e ir para a cama; ambos, porém, se encontraram de novo no jardim, para onde tinham descido, porque ambos sentiam necessidade de tomar ar.

Em uma janella do primeiro andar, via-se, immovel, uma luz.

(Continúa) *Pin-Sél.*

Recebemos e agradecemos:

Terras de Hespanha — *Cartas a um amigo que nunca sahiu de Lisboa — por Alfredo Mesquita — Livraria de A. M. Pereira.—1898*

Lê-se de um folego este novo volume do nosso prezado amigo e distincto escriptor sr. Alfredo Mesquita; contribuem para isso a ligeireza do assumpto e a boa lettra em que está impresso. Aos attractivos de uma discreteação sobre assumpto essencialmente cheio de mysterioso interesse ajunta-se o estylo polydo e facil que o auctor emprega, sem requintes mal entendidos de linguagem que provocam no leitor uma animosidade indefinida, mas que é a justa paga de quem só pretende fazer jogo de palavras.

Destacar do presente livro, que apenas tem para nós o defeito de uma opportunidade infeliz, pois nos revelam a Hespanha n'um periodo anormal, o da guerra com os americanos, alguns dos seus trechos tão interessantes e pittorescos seria para nós questão melindrosa por via da difficuldade na escolha. Todavia aquelle no qual o auctor nos descreve o caracter feminino hespanhol é um trecho em que a concisão, vigorosos traços descriptivos, são tão precisos, que dão perfeitamente a nota dos diversos caracteres. E' um pequenino poema em prosa. Bastariam essas linhas de uma analyse firme e segura para grangearem ao auctor mais um titulo literario apreciabilissimo, o da msis fina e justa observação, qualidade preciosa que muito o distingue.

Zoologia Elementar-Agricola — *Empreza Editora de Francisco Pastor — Rua do Ouro, 243, 2.º Lisboa.*

Este importante tratado scientifico alcança já o fasciculo 40, formando toda a obra um unico volume illustrado com mais de 700 gravuras.

Diccionario Illustrado — *Fasciculo, 68.—Francisco Pastor — Editor — Lisboa.—1898.*

Continúa regularmente a publicação d'ste diccionario que alcança até a palavra *Torno* e pag.ª 2032.

Le Monde Moderne, *rue Saint Benoite, 5, Paris.*

Mais um numero da encantadora revista nos vem visitar. Eis o summario respectivo.

L'Héritage de l'oncle Florot, por Henry Fèvre. — *Sur le Nil; l'île de Philæ,* por Georges Montbard. — *Les Maîtres de la Littérature du Nord,* d'après E. Brausewetter. — *Annecy,* por Paul de Champeville. — *Les Salons de 1898,* por A. Quantin. — *Le Mouvement littéraire,* por Léo Claretie. — *Causerie scientifique,* por G Mareschal. — *Evénements géographiques et coloniaux,* por Gaston Rouvier. — *Chronique théâtrale,* por Maurice Lefevre. — *La Musique,* por G. Danvers, La Vie de Bohême; La Cloche du Rhin. — *La Mode du mois,* por Berthe de Présilly. — *Memento encyclopédique.* — Questions financières. — La Caricature. — La Vie pratique. — La Cuisine du mois. — Jeux Récréations. — Bibliographie.

Madame Sans-Gene, *(A marechala Lefebure) Empreza do «Seculo», rua Formosa, 43, Lisboa.*

Este romance militar e dramatico de Edemond Lepettetier, extrahido da peça theatral de Victorien Sardon representada com exito colossal nos principaes theatros do mundo, compõe-se de varias partes todas ellas interessantes.

Nossa Senhora do Restello, *Os freires de Christo e a egreja da Conceição Velha, Lisboa, 1897.*

Em commemoração do centenario da India, publicou-se ha tempo este interessantissimo folheto, com algumas photogravuras, representando *Nossa Senhora do Restello,* imagem deante da qual Vasco da Gama ouviu missa a 7 de julho de 1497; o formosissimo portico da egreja da Conceição Velha; o portico da Magdalena, etc, etc.

Impresso nitidamente o folheto de que fallamos é um curiosissimo reportorio de noticias referentes á antiga egreja da Misericordia, hoje da Conceição Velha, e constitue uma instructiva e util leitura. O modico preço de 200 réis por que se vende na sacristia d'aquella egreja é mais uma razão para recommendarmos vivamente a sua acquisição a todos os que prezam as nossas tradições.